



SEXUALIDADE NOS PRESÍDIOS FEMININOS: SIGNIFICADO E VIVÊNCIA PARA AS REEDUCANDAS

SEXUALITY IN FEMALE PRISONS: MEANING AND EXPERIENCE FOR THE REEDUCATINGS SEXUALIDAD EN LAS CÁRCELES FEMENINAS: SIGNIFICADO Y EXPERIENCIA PARA RE-EDUCANDAS

Vanessa Giuliani Freitas Mesquita¹, Eloíde André Oliveira², Roberta Lima Gonçalves³, Lannuzya Veríssimo Oliveira⁴, Gabriela Maria Cavalcanti Costa⁵

RESUMO

Objetivo: compreender o significado e a vivência da sexualidade para reeducandas. **Método:** estudo descritivo-exploratório de abordagem qualitativa realizado nos dois maiores presídios femininos da Paraíba/PB. O instrumento de coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada associada a uma ficha de identificação que tinha como objetivo traçar o perfil sócio-demográfico das reeducandas. A amostra foi encerrada em 15 sujeitos, obedecendo ao método de saturação teórica e a análise de dados seguiu a proposta metodológica de Bardin. A pesquisa teve o projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, CAAE nº 01340133000-12. **Resultados:** a partir das falas emergiram duas categorias << **Significado da sexualidade para reeducandas** >> e << **A vivência da sexualidade no presídio** >>. **Conclusão:** as mulheres reclusas, em sua maioria, vêem sexo e sexualidade como sinônimos e utilizam das relações homoafetivas para vivenciar e suprir carências e desejos. **Descritores:** Sexualidade; Mulheres; Prisões.

ABSTRACT

Objective: understanding the meaning and the experience of sexuality for reeducatings. **Method:** a descriptive and exploratory study of a qualitative approach conducted in the two largest women's prisons of Paraíba/PB. The data collection instrument was one semi-structured interview associated to an identification sheet which aimed to tracing the socio-demographic profile of the reeducatings. The sample was closed with 15 subjects, obeying the theoretical saturation method and data analysis followed the methodological approach of Bardin. The research had the project approved by the Research Ethics Committee, CAAE No 01340133000-12. **Results:** from the speeches emerged two categories << **Meaning of sexuality for reeducatings** >> and << **The sexual experiences in prison** >>. **Conclusion:** women in prison mostly see sex and sexuality as synonyms and use of homoafective relations to experience and meet needs and desires. **Descriptors:** Sexuality; Women; Prisons.

RESUMEN

Objetivo: comprender el significado y la experiencia de la sexualidad para las re-educandas. **Método:** un estudio descriptivo y exploratorio de enfoque cualitativo realizado en los dos mayores cárceles de mujeres en Paraíba/PB. El instrumento de recolección de datos fue una entrevista semi-estructurada asociada a una hoja de identificación que tenía como objetivo trazar el perfil sociodemográfico de las internas. La muestra se cierra en 15 sujetos, utilizando el método de saturación teórica y al análisis de los datos siguió el enfoque metodológico de Bardin. La investigación tuvo el proyecto aprobado por el Comité de Ética en la Investigación, CAAE No 01340133000-12. **Resultados:** de las líneas emergieron dos categorías << **Significado de la sexualidad para las internas** >> y << **Las experiencias sexuales en la cárcel** >>. **Conclusión:** las mujeres en la cárcel, en su mayoría, ven el sexo y la sexualidad como sinónimos y hacen uso de relaciones homoafetivas para experimentar y satisfacer sus necesidades y deseos. **Descriptor:** Sexualidad; Mujeres; Prisiones.

¹Enfermeira, Mestranda, Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública/MSP, Universidade Estadual da Paraíba/UEPB. Campina Grande (PB), Brasil. Email: nessagfm@gmail.com; ²Enfermeira. Professora Mestre, Curso de Enfermagem, Universidade Estadual da Paraíba/UEPB. Campina Grande (PB), Brasil. Email: eloideandre@hotmail.com; ³Enfermeira, Professora Mestre, Curso de Enfermagem, Universidade Federal de Campina Grande/UFCG. Campina Grande (PB), Brasil. Email: berttalima@gmail.com; ⁴Enfermeira, Professora Mestre, Curso de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. Natal (RN), Brasil. Email: lannuzyacg@hotmail.com; ⁵Enfermeira, Professora Doutora, Curso de Enfermagem, Universidade Estadual da Paraíba/UEPB. Campina Grande (PB), Brasil. Email: gabymcc@bol.com.br

INTRODUÇÃO

A criminalidade se amplia de forma expressiva anualmente, com consequentes acréscimos na população carcerária, em destaque para a feminina.¹ Dados recentes mostram que o número de reeducandas cresceu 59,86% no período de 2007 a 2012, o que se deve a expansão do tráfico de drogas.²

Como são rotuladas de frágeis em detrimento aos homens, sobretudo por suas diferenças físicas, as mulheres são vistas como alvos fáceis pelos traficantes, pois a sociedade em geral tende a não desconfiar das mesmas, facilitando a atuação no tráfico de drogas.³

No Estado da Paraíba, até dezembro/2013, 713 mulheres se encontravam em situação privativa de liberdade. Destas, 244 cumpriam pena provisória e 206 já tinham suas penas sancionadas, somando 450 reeducandas no regime fechado, além destas, 95 cumpriam o regime semi-aberto e 172 o regime aberto.⁴

Apesar do aumento de reeducandas por terem transgredido as leis, estas não dispõem de um espaço adequado para o cumprimento de sua pena, isto porque o sistema penitenciário foi pensado para homens,⁵ corroborando com a precarização do ambiente prisional feminino, a saber: deficiência na estrutura, superlotação, precariedade nas condições de higiene e até mesmo carência na assistência médica.⁶

Associados a estes fatores, percebe-se que a população carcerária feminina não recebe atenção necessária devido a fatores discriminatórios e as necessidades das mulheres em reclusão tornam-se negligenciadas, a exemplo da vivência da sexualidade.⁷ Essa característica do sistema penitenciário feminino pode interferir negativamente sobre a qualidade de vida das reeducandas, pois a sexualidade envolve os domínios biológicos, físicos, emocionais, sociais e psíquicos do sujeito.⁷

A sexualidade é uma questão central das políticas de saúde e está inserida na abordagem de atenção integral à saúde da mulher, todavia, esta integralidade não é efetivada, já que a atenção é destinada aos aspectos objetivos, como uma enfermidade aparente, esquecendo o que está oculto no campo da subjetividade, porém, não menos importante no conceito de saúde.⁷

Por compreender a importância da sexualidade na qualidade de vida das mulheres, bem como reconhecer a prioridade elencada pela Agência Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde⁸ para saúde da mulher, o acesso e a qualidade da atenção à saúde das

mulheres no sistema prisional, realizou-se este estudo com o objetivo de:

- Compreender o significado e a vivência da sexualidade para reeducandas.

MÉTODO

Estudo descritivo-exploratório de abordagem qualitativa, realizado de julho a outubro de 2013, na Penitenciária Feminina Maria Júlia Maranhão, localizada em João Pessoa e Presídio Feminino de Campina Grande. Esses presídios foram escolhidos por serem os que abrigam maior número de mulheres reclusas no estado da Paraíba.

Os sujeitos da pesquisa foram mulheres reclusas nesses presídios que atendiam aos seguintes critérios de inclusão: cumprir pena em regime fechado por um período superior a seis meses e ter condições cognitivas para responder a entrevista e interagir com a pesquisadora. A amostra foi encerrada em 15 mulheres, obedecendo o método de saturação teórica.

Como instrumento de coleta, foi realizada uma entrevista semi-estruturada, com uma ficha de identificação para que o perfil das reeducandas pudesse ser conhecido. A realização da entrevista ocorreu de forma individual, sendo audiogravada para evitar interrupções e compreensões equivocadas. Com o objetivo de garantir o sigilo e anonimato, as entrevistas foram numeradas em ordem sequenciada de realização e identificadas pela letra A (apenada), precedidas de um código que identificou a penitenciária (P), sendo de conhecimento somente da pesquisadora.

A análise dos dados seguiu a proposta metodológica de Bardin,⁹ que adota a modalidade categorial temática, onde as falas das entrevistadas foram transcritas na íntegra e, posteriormente, agrupadas por temas centrais presentes nos relatos. Os objetivos da pesquisa nortearam o agrupamento dos temas centrais e, seguindo o referencial teórico proposto, realizaram-se as três fases da análise de conteúdo: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética -CAAE nº 01340133000-12 e obedeceu aos critérios da resolução 466/2012, onde as entrevistadas foram esclarecidas sobre o objetivo e benefícios do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

♦ Caracterização dos sujeitos da pesquisa

O perfil das reeducandas do estado da Paraíba mostra mulheres jovens, católicas, heterossexuais, de baixa escolaridade, que mantém uma união estável, com 1 ou 2 filhos e presas por tráfico de drogas.

Quanto a idade, dentre as 15 participantes do estudo, 60% tinham entre 18 e 29 anos, corroborando com o perfil divulgado pelo DEPEN, onde a idade das mulheres reclusas entre 18 e 24 anos correspondia a 26%, seguido das mulheres com idade entre 25 e 29 anos, com porcentagem igual a 23%. Esses dados também podem ser confirmados por estudo recente realizado no estado da Paraíba, onde 52,4% das mulheres tinham entre 18 e 28 anos.¹⁰⁻¹¹

Com relação à escolaridade, 53,3% das mulheres tinham apenas o ensino fundamental incompleto. O perfil das reeducandas no Brasil mostrou que 44% delas tinham apenas o 1º grau incompleto.¹⁰ Na Paraíba, no ano de 2013, 59% das mulheres reclusas tinham cursado apenas o ensino fundamental incompleto, confirmando os dados encontrados.¹¹

O maior índice de crime cometido esteve relacionado ao tráfico de drogas, 60%. Esse mesmo índice foi encontrado em relatório nacional, e no estado da Paraíba, 52% das mulheres foram presas por tráfico de drogas, seguido do crime de associação ao tráfico, 28,4%.¹⁰⁻¹¹

Esses dados podem associar o crime com a tentativa de melhorar condição financeira e qualidade de vida, já que a maioria das reeducandas era jovem e de baixa escolaridade, remetendo a mulheres com condições de trabalhar, porém sem a instrução exigida pelo mercado de trabalho.

Quanto ao estado civil, 60% afirmou ter uma união estável, diferindo de estudos realizados no Brasil, a exemplo, no presídio de Aquiraz - CE e no presídio feminino de Ribeirão Preto - SP, onde as mulheres eram em sua maioria solteiras, 78% e 72,3% respectivamente.¹²⁻¹³ Os dados encontrados podem divergir devido as diferenças regionais.

Grande parte afirmou ter filhos, das quais 53,3% tinham entre 1 e 2 filhos. Apesar da diferença percentual, que pode ser explicada em especial devido à quantidade de mulheres entrevistadas, observou-se que a maior parte das reeducandas do presídio feminino de Ribeirão Preto - SP, 31,1%, tinham 1 ou 2 filhos.¹³

Quanto a opção sexual, 60% disse ser heterossexual, maioria observada também na cidade de Aquiraz - CE, 76%.¹² Referente à religião, 60% disse ser católica, dados semelhantes ao encontrado no Presídio Feminino de Ribeirão Preto, onde 58,1% consideravam-se católicas.¹³

♦ Categorias temáticas

Através da análise das falas emergiram duas categorias: Significado da sexualidade para reeducandas e A vivência da sexualidade no presídio. A primeira categoria irá retratar a compreensão das entrevistadas acerca da sexualidade e a segunda categoria mostrará como as mulheres reclusas vivenciam a sexualidade durante o aprisionamento.

• Significado da sexualidade para reeducandas

No final do século XIX, houve o aprofundamento de estudos acerca da sexualidade, com consequente ampliação no seu sentido, pois deixou de ser percebida unicamente com a função de reprodução, para incorporar o prazer como necessidade humana e fenômeno que envolve toda a existência dos indivíduos.¹⁴

Apesar disso, a sexualidade continua, frequentemente, compreendida como sinônimo de ato sexual, no entanto, ela não é apenas uma essência manifestada pelos processos biológicos do corpo ou algo já inerente às pessoas, mas sim, decorrente de construções históricas, culturais, sociais e políticas.¹⁵

Em contraponto ao difundido na sociedade, sexualidade e sexo não tem o mesmo significado, o sexo está dentro da sexualidade e esta engloba todo o corpo, afetividade e autoestimulação. Pode ser entendida como desejo de contato, carinho, calor ou amor, incluindo olhares, beijos e produção de orgasmos.¹⁶⁻¹⁷

A sexualidade abrange identidade, papel social, orientação sexual, erotismo, prazer e intimidade, sendo percebida através de pensamentos, fantasias, desejos, opiniões, atitudes, valores e comportamentos nos relacionamentos, por isso vai além da sensação prazerosa através dos órgãos genitais,¹⁶⁻⁷ entretanto, ao questionar as reeducandas sobre o que compreendiam por sexualidade, o predomínio das respostas referiam sexualidade e atividade sexual como sinônimos, como se pode verificar nas falas:

Mas se for homem com mulher, aí quando pensar em sexualidade tem que pensar em filhos também ou então tomar o abençoado remédio de evitar. Aí pode usar a sexualidade. (P2A4)

Pra mim importante, né, porque eu acho assim uma mulher não vive sem o sexo, não tem como, né. Eu acho que não tem como né, porque muitas ficam doente né, [...] quando fica sem sexo fica estressada. (P1A8)

As falas remetem ao ato sexual, sua função reprodutiva e biológica. Apesar de o sexo representar uma importante dimensão da sexualidade, estes não são sinônimos, entretanto a linguagem corrente trata essas duas palavras com um único significado, o do coito sexual, sendo complicado diferenciá-los no senso comum. Tal fato pode sugerir em uma compreensão errônea ou limitada dos mesmos e podem refletir na vivência da sexualidade e da atividade sexual.¹⁷⁻¹⁸

As definições de sexualidade já incorporam o prazer, erotismo e até a autoestimulação.¹⁹ Contudo, no presente estudo, pode-se evidenciar que apesar das reeducandas apontarem uma relação entre sexualidade e prazer, o sentido permanece reduzido ao coito e a reprodução como se observa nos relatos abaixo:

Todo mundo gosta de sentir prazer. Para mim isso é sexo. É uma relação de intimidade, de fazer sexo com quem você gosta e sentir prazer. Porque se não sentir prazer qual a função do sexo? (P2A1)

Eu acho que tudo que traz prazer ao corpo, pode ser sexo. Digo isso porque tem vários jeitos, formas de se fazer [...]. Sei que graças a sexualidade as pessoas se reproduzem, tem filhos, aumentam a família. (P2A3)

As reeducandas trazem em suas falas a sensação de prazer, mas elucidam ser o prazer relacionado exclusivamente à relação sexual. Ao tema sexualidade são atribuídos os mesmos valores do sexíssimo, resumindo a sexualidade ao ato sexual entre duas pessoas, ignorando o amor ou até planos para o futuro. Todavia, deve-se considerar que a grandiosidade da sexualidade vai muito além da satisfação física do desejo e da sensação de prazer alcançada, não devendo o sexo ser apontado como meio exclusivo de se obter felicidade; o vínculo deve ser fortalecido pelo respeito, amor, carinho, levando a um relacionamento íntimo mais prazeroso, e assim satisfazendo os envolvidos.²⁰ Algumas entrevistadas conseguiram expressar isto em suas falas:

Bem, eu acho que é uma forma né da gente sentir prazer, da gente ser amada, e com certeza amar também, construir uma família, e na medida do possível, com o decorrer dos tempos, né se dedicar, ser uma dona de casa e construir uma família. (P1A2)
Sexualidade pra mim significa amor, não existe um sexo sem amor, pra mim tem que ter amor, tem que ter carinho, deixa eu ver o que mais, não só isso mesmo, amor,

carinho, compreensão, de ambas parte porque se for sem carinho e sem amor não rola sexualidade comigo não. (P1A3)

Manifestações de afeto expressas através de gestos como carinho e ações que envolvam ser tocada no lugar certo e sentir o companheiro são parte da sexualidade, portanto, é reconhecida a importância da compreensão, conversa, entendimento e diálogo como meios de sentir a participação do outro no relacionamento.²⁰

As demonstrações de sentimentos, associados à presença de carinho na obtenção do prazer descritas nas falas demonstram que a sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução, podendo ser experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades práticas e relacionamentos.²¹

Destarte, é possível afirmar que a sexualidade por fazer parte do ser humano, constitui-se como necessária para sua completude biopsicossocial e espiritual, pois se refere não somente a uma dimensão biológica, mas também a um universo dotado de subjetividade, em que se firmam as relações pessoais e interpessoais.¹⁹

Acrescenta-se ainda que a sexualidade faz parte do cotidiano das pessoas não estando limitada à concepção, pois o prazer humano independe da reprodução, extrapolando os aspectos orgânicos e associando-se aos fatores biopsicossociais.²⁰

Nesta perspectiva, a sexualidade não se reduz aos órgãos genitais porque qualquer região do corpo é susceptível de prazer sexual, desde que tenha sido investida de erotismo na vida de alguém, acrescido de que a satisfação sexual pode ser alcançada sem a união genital, pois ela apresenta diversas formas, caracterizando-se por ser polivalente, ultrapassando a necessidade fisiológica e relacionando-se com a simbolização do desejo.¹⁴

Visto isso, percebe-se a influência histórica de repressão da sexualidade feminina perdurando até os dias atuais, fazendo com que muitas mulheres, incluindo as reeducandas, pensem a sexualidade associada apenas à atividade sexual e reprodução. Não obstante, apesar do cenário conservador ainda presente na sociedade, algumas mulheres reclusas conseguiram expressar a presença do prazer quando relataram o que compreendiam por sexualidade, extrapolando o coito e incluindo o amor, carinho e compreensão.

● **A vivência da sexualidade no presídio**

Quando questionadas quanto à vivência da sua sexualidade e como percebiam a vivência da sexualidade das outras reeducandas foi possível compreender que muitas remeteram as relações homossexuais como a forma principal de obtenção de prazer, o que pode ser verificado nas falas abaixo:

Tenho minha companheira, já faz dez anos que eu convivo com ela e entre eu e ela é tranquilo. (P1A6)

Tem umas que são com os maridos e tem outras que fazem com mulher mesmo né. Não tenho nada contra, eu acho que é um momento de carência, né, carência, então também eu acho que tem muitas que tem a curiosidade. Ai tando nesse lugar privado acaba acontecendo isso né? (P1A3)

Apesar de algumas reeducandas não concordarem com esta forma de vivenciar a sexualidade, referem as relações homoafetivas como o modo que as outras mulheres reclusas obtêm prazer:

Quem gosta de mulher se dá muito bem e tem muitas que entra mulher e sai homem depois da pena. E têm outras que entra mulher, sai mulher, mas dorme com mulher, vai entender. (P2A2)

Tem gente para tudo. Elas fazem coisas entre elas, pode?! Roubar, matar, até entendo. Mas deitar com mulher [pausa] nam! Entra na minha cabeça não. Acho isso safadeza mesmo. Acho absurdo. Mas elas vivem por aqui feliz da vida e dizem: essa é minha namorada. Pode?! (P2A3)

A homossexualidade pode ser entendida como uma estratégia de enfrentamento a reclusão no sentido de preservação de afetos, pois muitas mulheres têm sua primeira relação homossexual no presídio. Em decorrência das dificuldades para relacionar-se com maridos ou companheiros adotam um desvio na sexualidade ao assumirem posturas homossexuais devido à situação imposta, onde permeia solidão e dependência afetiva, não caracterizando um processo natural.⁵

É possível considerar então que a homossexualidade se apresentaria como uma ruptura com o universo extramuros e uma reação temporária ao encarceramento, de modo que a homossexualidade no presídio seria decorrente da privação de contatos heterossexuais e do abandono que é comumente experimentado pelas reeducandas.¹

Seguindo esse pressuposto, as relações de conjugalidade entre mulheres são marcadas por características semelhantes às presentes nas relações sociais de amizade, tais como o companheirismo e o apoio psicológico mútuo, não constituindo o prazer sexual como o que há de mais importante entre o casal, sendo

primordial a comunicação, ternura, carinho e delicadeza.¹

É importante apontar que a postura homossexual na prisão provoca consequências relacionais; as mulheres adotam novo vestuário, gestual e até mesmo uma nova linguagem. Além disso, as reeducandas que assumem o papel de homem carregam consigo a possibilidade da poligamia, violência e agressividade, concedendo as mulheres “transformadas” em homens os privilégios socialmente atribuídos ao sexo masculino.²²

Deve-se discorrer também acerca dos casos onde as reeducandas já se colocavam como homossexuais anteriormente ao aprisionamento, estas que, por vezes no cenário nacional, não tem garantido o direito de receber visita íntima das companheiras, podendo denotar discriminação e até homofobia.⁵

No entanto, o Estado da Paraíba vem avançando neste aspecto e em abril/2012 a Administração Penitenciária do Estado da Paraíba garantiu a isonomia a todos os reeducandos, onde relações homossexuais poderão ser possíveis a lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis.²³

Apesar de ter sido observado o predomínio da obtenção do prazer através das relações homossexuais, surgiram falas de mulheres que diziam utilizar a masturbação para tal:

Como não recebo visita de marido, eu me viro só mesmo. Prefiro para não ter intimidade com ninguém aqui. (P2A1)

Tem uma ali que diz que faz aquele negócio lá [masturbação]. (P1A11)

O prolongado período de aprisionamento proporciona descobertas sexuais, como as práticas masturbatórias, que estão relacionadas com o descobrimento e conhecimento do corpo, favorecendo o desempenho sexual e propiciando novas formas de obter prazer. Porém, a masturbação, em destaque para a realizada por mulheres, é caracterizada como prática pertencente a um comportamento não natural tanto pelos preceitos morais quanto religiosos ou que, caso praticada, não deve ser descoberta para que a mulher não seja desrespeitada devido a sua falta de pudor.⁷

Esse fato conduz a uma reflexão, pois poucas mulheres relataram utilizar a masturbação para obtenção de prazer. Entretanto, não se sabe ao certo se as mulheres não se utilizam da masturbação por acreditarem na anormalidade deste comportamento, ou a utilizam, mas pensam ser uma questão de foro íntimo que não deve ser compartilhada com outras pessoas.²⁴

Outro ponto relevante é que algumas mulheres alegaram não vivenciar a sexualidade de nenhuma maneira, por abandono do seu companheiro ou ainda pelo mesmo está recluso:

De forma alguma porque eu não tenho parceiro, meu parceiro não vem. Faz seis meses que eu não tenho relação sexual, e assim, como também eu num faço sexo com mulher, então eu não sinto prazer de forma alguma. (P1A10)

Tô sem praticar né porque um ano e seis meses, ele tá preso lá e eu aqui, a gente não tem como. (P1A3)

Poucas são as mulheres que recebem visita, pois a maioria delas não possui marido/companheiro em liberdade, restringindo suas relações afetivas e sexuais. Em alguns presídios do país são ofertadas às mulheres casadas e que os companheiros também se encontram reclusos a possibilidade de ir visitar o marido no presídio masculino.²⁵

A saída das reeducandas para visitarem os seus companheiros reclusos não é uma condição disponível no estado da Paraíba ao passo que a ausência de visita devido o companheiro está privado de sua liberdade é uma realidade dos presídios femininos do estado, uma vez que dentre as entrevistadas, apenas três afirmaram receber visitas, das quais somente uma recebe visita externa de seu companheiro e as outras duas são reeducandas que mantém um relacionamento homossexual dentro do presídio e tem seu encontro íntimo no dia determinado.

Considerando isto, a vivência da sexualidade nas prisões, sob qualquer forma de experiência, é favorecida pela previsão legal da visita íntima. Dentre as mulheres entrevistadas, mesmo sendo reduzido o número das que recebiam visita íntima, todas conheciam a regularidade do seu funcionamento e algumas apontaram dificuldades referentes a este assunto. Ao serem indagadas sobre como ocorriam às visitas, qual a periodicidade e o espaço reservado para isso, foram obtidas as seguintes respostas:

Toda quarta e todo domingo ela vem me visitar. Na cela mesmo. Quem tem a visita íntima fica na cela, quem não tem sai. (P1A9)

Espaço tem. Mas se a senhora vê. Num sei como eu conseguia transar com meu marido. É difícil, é apenas um pano separando na cela uma cama da outra sabe, se fizer barulho todo mundo sabe. Não pode fazer muita estripulia, nem falar, é tudo na entuca. Os agentes respeita isso sim. Mas o lugar não ajuda. A culpa né deles não porque quando a visita chega quem não

recebe vem pro pátio e quem recebe vai para cela [pausa] e faz fila. (P2A1)

Apesar de permitidas, segundo visão das entrevistadas, as visitas íntimas não conseguem manter um laço familiar nem preservar a ideia do amor. Várias reeducandas consideram a relação sexual, como é composta dentro da prisão, desprovida de conteúdo afetivo, podendo causar um sentimento de humilhação durante o momento da visita, no entanto, elas o fazem para tentar manter a sua relação conjugal construída fora do ambiente prisional, optando por realizar os desejos do (a) companheiro (a).²⁶

As mulheres reclusas não se sentem contentes com o que lhes é proporcionado em termos que envolvem carinho, afetividade e quando o sexo é a principal questão, fica impossibilitado por termos estruturais, pois algumas penitenciárias dispõem de pequenos quartos para que ocorram as visitas íntimas, mas em grande parte dos casos, o local é improvisado e a cela destinada a tal atividade é coberta com lençóis. Tal condição leva a um constrangimento por parte da apenada e do companheiro, inibindo a efetivação do ato sexual.²⁷

Logo, nesta realidade pesquisada a vivência da sexualidade durante o aprisionamento tem como prática mais comum as relações homossexuais, mesmo muitas se considerando heterossexuais ou negando este ato, seja pelo medo ou pela vergonha de se expor. Há ainda mulheres que prefere não se envolver com outras e por motivos alheios a sua vontade não mantém continuidade na relação com seus companheiros e para a obtenção do prazer utilizam de práticas masturbatórias.

Outras entrevistadas se dizem heterossexuais e não utilizam nenhuma das maneiras já citadas para obtenção de prazer, estas mencionam passar o período de reclusão sofrendo com abstinência e colocam como justificativa a reclusão do companheiro ou o abandono sofrido por ele. Quanto à visita íntima, benefício previsto na Lei, foi muito pequeno o número de mulheres que usavam este recurso para se satisfazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção das reeducandas revelou o significado de sexualidade e sexo como sinônimos, relacionando o prazer adquirido à relações sexuais, o que pode estar associado há uma antiga compreensão da sexualidade como único papel de reprodução.

Poucas mulheres mencionaram o conceito mais ampliado de sexualidade e incorporaram em suas falas a importância de questões subjetivas que devem estar presentes, como

carinho, amor e compreensão na vivência desta. Além disso, falar sobre a vivência da sexualidade foi, em alguns momentos, motivo de vergonha para as reducandas, visto que mesmo se considerando heterossexuais, algumas admitiram experiências homossexuais na prisão. Assim, para algumas mulheres deste estudo, os relacionamentos homoafetivos eram muitas vezes o caminho para vivências sexuais de forma plena. Entretanto, para outras, a opção para alcançar o prazer girava em torno de dois eixos sofrer com a abstinência de relações sexuais, ou em razão do abandono do companheiro sem causa reconhecida ou porque também estavam reclusos, ou praticar a masturbação.

A visita íntima, benefício previsto em Lei, foi mostrada como uma das formas de favorecer a vivência da sexualidade, todavia, observou-se não haver regularidade e espaço físico adequado para este fim. Além do que, há de se registrar que a visita íntima nas unidades penitenciárias é compreendida como sinônimo de momento para relação sexual.

Pode-se inferir que o tabu que permeia a sexualidade tenha dificultado a expressão/narração das mulheres apenas sobre a temática e, por conseguinte limitado o estudo. Todavia, evidencia-se a contribuição do estudo na medida em que ressalta a necessidade de abordagem do assunto pelos profissionais de saúde nos serviços da rede de assistência. Nesse sentido, os dados apontam para a necessidade de garantir nas instituições de ensino superior, o treino de habilidades e competências para ações assistenciais e promocionais que abordem a sexualidade como eixo central, no cenário específico, com necessidade peculiares, que são as penitenciárias. Por fim, evidencia-se que a compressão do significado da sexualidade, de mulheres apenas, em sua total complexidade, facilitaria a vivência.

REFERÊNCIAS

1. Barcinski M. Mulher no tráfico de drogas: a criminalidade como estratégia da invisibilidade social feminina. Contextos Clínicos Online [Internet]. 2012[cited 2013 Dec 12];5(1):[about 5 p.]. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-34822012000100007&script=sci_arttext.
2. Brasil. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional- Sistema Integrado de Informações Penitenciárias - INFOPEN [Internet]. 2014 [cited 2013 Dec 12]. Available from: <http://infopen.gov.br>
3. Mizon CV, Danner GK, Barreto DJ. Sistema prisional: conhecendo as vivências da mulher inserida neste contexto. Arq Cienc Saúde
- UNIPAR [Internet]. 2010[cited 2013 Dec 12];18(1):71-81. Available from: <http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/3118/2212>.
4. Brasil. Governo do Estado da Paraíba. Secretaria de Administração Penitenciária. População Carcerária. Paraíba: PB; 2013.
5. Borges PCC (org). Sistema penal e gênero: tópicos para emancipação feminina. São Paulo: Cultura Acadêmica; 2011.
6. Moreira VS, Neri MS, Moreira VS, Silva BS, Sampaio CO, Menardo MLB. O fenômeno das drogas entre presidiárias: características da produção científica nacional. Ciênc Desenvolv [Internet]. 2013 [cited 2013 Dec 12];6(2):53-64. Available from: <http://srv02.fainor.com.br/revista/index.php/memorias/article/view/235>
7. Gomes MEA, Guimarães JMX, Sampaio JJC, Pacheco MEAG, Coelho MO. Concepções e vivências da sexualidade: um estudo com usuárias da estratégia saúde da família. Rev Baiana Saúde Pública [Internet]. 2010 [cited 2013 Dec 12];34(4):919-34. Available from: <http://inseer.ibict.br/rbsp/index.php/rbsp/article/viewFile/83/89>.
8. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. Agência Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde. 2nd ed; 2008.
9. Bardin L. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2011.
10. Brasil. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. Mulheres Encarceradas: Diagnóstico Nacional. Consolidação dos dados fornecidos pelas Unidades da federação. Brasília: Ministério da Justiça; 2011.
11. Oliveira LV, Costa GMC, Medeiros, KKAS, Cavalcanti AL. Epidemiological profile of female detainees in the Brazilian state of Paraíba: a descriptive study. Online Braz J Nurs [Internet]. 2013 [cited 2013 Dec 12];12(4):[about 5 p.]. Available from: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4284>
12. Ribeiro SG et al. Gynecologic and obstetric profile of state imprisoned females. Texto contexto enferm [Internet]. 2013[acesso em 2014 fev 05];22(1):13-21. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072013000100002&lng=en&nrm=iso
13. Scherer ZAP, Scherer EA, Nascimento AD, Ragozo FD. Perfil sociodemográfico e história penal da população encarcerada de uma penitenciária feminina do interior do estado de São Paulo. SMAD Rev Eletrônica Saúde

Mental Álcool Drog [Internet]. 2011[cited 2013 Dec 12];7(2):55-62. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762011000200002&lng=pt&nrm=iso

14. Chauí M. Repressão Sexual: essa nossa (desconhecida). 11th ed. São Paulo: Brasiliense; 1989.

15. Foucault M. Histoire de la sexualité: la volonté de savoir. Paris: Gallimard; 1976.

16. Freitas KR, Dias SMZ. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. Texto contexto enferm [Internet]. 2010 [cited 2013 Dec 12];19(2):351-7. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072010000200017&lng=en&nrm=iso

17. Sales JCS, Araújo MPR, Coelho MC, Luz VLES, Silva TCA, Junior FJGS. Sexualidade de pessoas quem vivem com hanseníase: percepção e repercussões. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2013[cited 2013 Dec 12]; 7(2): 460-6. Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewFile/3654/pdf_2020

18. Gonçalves RL, Bezerra JMD, Costa GMC, Celino SDM, Santos SMP, Azevedo EB. The experience of sexuality through the view of women during pregnancy. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2013 [cited 2013 Dec 12];7(1):199-204. Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewArticle/3336>

19. Oliveira DM, Jesus MCP, Merighi MAB. Climatério e sexualidade: a compreensão dessa interface por mulheres assistidas em grupo. Texto contexto enferm [Internet]. 2008 [cited 2013 Dec 12];17(3):519-26. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000300013&lng=en&nrm=isso

20. Gozzo TO, Fustione SM, Barbieri M, Roher WM, Freitas IA. Sexualidade feminina: compreendendo seu significado. Rev Lat-Am Enferm [Internet]. 2000 [cited 2013 Dec 12];8(3):84-90. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692000000300012&script=sci_abstract&tlng=pt

21. Castro MG, Abramovay M, Silva LB. Juventudes e sexualidade. Brasília (DF): UNESCO; 2004.

22. Barcinski M. Expressões da homossexualidade feminina no encarceramento: o significado de se "transformar em homem" na prisão. Psico-USF [Internet]. 2012 [cited 2013 Dec

12];17(3):437-46. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712012000300010&script=sci_arttext

23. G1 Paraíba. Detentos homossexuais da Paraíba passam a poder ter visita íntima. 2012 [cited 2013 Dec 12]. Available from: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2012/04/detentos-homossexuais-da-paraiba-passam-poder-ter-visita-intima.html>.

24. Trindade WR, Ferreira MA. Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres. Texto contexto enferm [Internet]. 2008 [cited 2013 Dec 12];17(3):417-26. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000300002

25. Chies LAB. A prisão dentro da prisão: uma visão sobre o encarceramento feminino na 5.^a região penitenciária do rio grande do sul [Internet]. In: 26.^a Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro (Bahia). Porto Seguro; 2008[cited 2013 Dec 12]. Available from: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2206&Itemid=171

26. Viafore D. A gravidez no cárcere brasileiro: uma análise da Penitenciária Feminina Madre Pelletier. Direito & Justiça [Internet]. 2005 [cited 2013 Dec 12];31(2):91-108. Available from: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/face/ojs/index.php/fadir/article/viewArticle/571>

27. Kloch H, Barreto WP. Os direitos da personalidade e a integridade dos detentos nas penitenciárias do estado de Santa Catarina. Rev juríd CESUMAR Mestr [Internet]. 2007[cited 2013 Dec 12];7(1):251-76. Available from: <http://www.cesumar.br/pesquisa/periodicos/index.php/revjuridica/article/viewArticle/526>

Submissão: 23/07/2014

Aceito: 24/01/2015

Publicado: 01/04/2015

Correspondência

Vanessa Giuliani de Freitas Mesquita
Rua Manoel Alves de Oliveira, 793 / Bl. A / Ap. 203
Bairro Catolé
CEP 58410-575 – Campina Grande (PB), Brasil